



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de Marília



**CULTURA  
ACADÊMICA**  
*Editora*

## Rudolf Kjellen

Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos  
Erika Laurinda Amusquivar

**Como citar:** PASSOS, R. D. F dos; AMUSQUIVAR, E. L. Rudolf Kjellen. *In:* PASSOS, R. D. F dos; ARECO, S. M. (org.). **Gramsci e seus contemporâneos**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017. p. 213-238.  
DOI: <https://doi.org/10.36311/2017.978-85-7983-881-1.p213-238>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

# RUDOLF KJELLEN

*Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos*

*Érika Laurinda Amusquivar*

A leitura na prisão por Gramsci do texto “Gli indirizzi attuali della geografia e Il decimo Congresso Geografico Nazionale” publicado na revista italiana *Nuova Antologia* de 1927 (ALMAGIÀ, 1927) ao qual faz menção a Rudolf Kjellen<sup>1</sup> evidenciou um contexto não somente da importância das questões espaciais no conjunto da obra do comunista sardo, como também daquela perspectiva geográfica de crescente relevância e popularidade do jurista sueco – principalmente na Alemanha (G.R.C, 1930, p. 279) - para além dos círculos universitários e de poder de sua época. A saber, a Geopolítica entendida como uma área de conhecimento em que há predomínio do determinismo geográfico na explicação dos fenômenos históricos e internacionais<sup>2</sup>, além de uma concepção organicista geográfico-espacial concernente ao Estado e seu contexto mais amplo dada *a priori*. A despeito de duas menções em único parágrafo a tal autor nos cadernos carcerários (GRAMSCI, 1975, p. 193, Q2, § 39)<sup>3</sup>, não se pode menosprezar as preocupações do comunista italiano com tal tema.

---

<sup>1</sup> Joseph Buttigieg sustenta que Gramsci teve acesso a tal texto na prisão (BUTTIGIEG apud GRAMSCI, 2010, p. 547)

<sup>2</sup> É comum a referência ao termo “geopolítica” em perspectiva geral sobre as relações internacionais. A geopolítica é tratada neste ensaio como uma abordagem que sobrevaloriza as variáveis e causalidades relacionadas ao espaço e à geografia, ainda que possa considerar outras dimensões no âmbito dos fenômenos ocorrentes no além-fronteiras. Tal abordagem é objeto da crítica gramsciana. Quando o termo for usado com outro sentido neste texto, outra definição será enunciada.

<sup>3</sup> Doravante, as referências específicas dos cadernos carcerários terão também o acréscimo do caderno (indicado por “Q”) e seu número e o respectivo parágrafo (indicado com “§”) com a sua numeração, em conformidade com indicações recorrentes em textos que contemplam estudos gramscianos. Os textos gramscianos a serem tomados por base são aqueles da edição crítica organizada por Valentino Gerratana (GRAMSCI, 1975).

Ademais, não se pode esquecer o jugo fascista e a aliança entre Alemanha nazista com a Itália como um dos contextos que possivelmente favoreceu a circulação e popularização das idéias de Kjellen, às quais Gramsci poderia ter tomado contato nas publicações acessadas no cárcere.

A passagem referida no parágrafo anterior em que Gramsci cita Kjellen é a primeira em que aparece a noção de “Geopolítica” nos cadernos carcerários. Trata-se de um texto “B”, isto é, de redação única e não reescrito em momentos posteriores da obra carcerária conforme a classificação de Valentino Gerratana na organização da edição crítica dos cadernos carcerários (GRAMSCI, 1975). Ela é assim escrita:

*A Geopolítica.* Já antes da guerra, Rudolf Kjellén, sociólogo sueco, procurou construir sobre novas bases uma ciência do Estado ou Política, partindo do estudo do território organizado politicamente (desenvolvimento das ciências geográficas: geografia física, antropogeografia, geopolítica) e da massa de homens que vivem e sociedade naquele território (geopolítica e demopolítica). Seus livros, especialmente dois deles – *Lo Stato come forma di vita* e *Le grandi potenze attuali* (*Die Grossmächte der Gegenwart*, de 1912, reelaborado pelo autor, tornou-se *Die Grossmächte und die Weltkrise* [As grandes potências e a crise mundial], publicado em 1921; Kjellén morreu em 1922) -, tiveram grande difusão na Alemanha dando lugar a uma corrente de estudos. Existe uma *Zeitschrift für Geopolitik*; e são publicadas obras volumosas de geografia política (uma delas, *Weltpolitisches Handbuch*, pretende ser um manual para os homens de Estado) e de geografia econômica. Na Inglaterra, na América e na França<sup>4</sup> (GRAMSCI, 2000, v. 3, p. 148-149, grifos do autor).

Evidentemente que Gramsci estabelece um diálogo crítico com a perspectiva geopolítica alemã e de Kjellen<sup>5</sup>. Tratar de aspectos de tal

---

<sup>4</sup> O trecho tem a seguinte redação no original em italiano: “*La Geopolitica.* Già prima della guerra Rodolfo Kjellén, sociologo svedese, cercò di costruire su nuove basi una scienza dello Stato o Politica, partendo dallo studio del territorio organizzato politicamente (sviluppo delle scienze geografiche: geografia fisica, geografia antropica, geopolitica) e della massa di uomini viventi in società in quel territorio (geopolitica e demopolitica). I suoi libri, specialmente i due: *Lo Stato come forma di vita* e *Le grandi Potenze attuali* (*Die Grossmächte der Gegenwart*, del 1912, rielaborato dall'autore, divenne *Die Grossmächte und die Weltkrise*, pubblicato nel 1921; il Kjellén (è) morto nel 1922) ebbero grande diffusione in Germania dando luogo a una corrente di studi. Esiste una «*Zeitschrift für Geopolitik*»; e appaiono opere voluminose di geografia politica (una di esse, *Weltpolitisches Handbuch*, vuol essere un manuale per gli uomini di Stato) e di geografia economica. In Inghilterra e in America e in Francia” (GRAMSCI, 1975, p. 193, Q2, § 39, destaques no original).

<sup>5</sup> Conforme Carlos Nelson Coutinho afirmou em seminário proferido ao Grupo de Pesquisa “Marxismo e Pensamento Político” na Unicamp em 2008, Gramsci situa a formulação do seu pensamento no âmbito da Ciência Política. Via com muitas reservas a Sociologia por associar os sociólogos de sua época ao positivismo.

interlocução – nem sempre explícita e possivelmente oculta e indireta - é o objetivo deste ensaio, no qual se buscará apresentar aspectos tanto do autor sueco, como também do prisioneiro de Mussolini no tocante à sua abordagem e percepção da geografia e do espaço, com ênfase na Geopolítica.

O texto tratará de conceitos relevantes de Kjellen com o objetivo de elucidar o contraponto gramsciano. Posteriormente, ir além e mostrar como as reflexões gramscianas põem em evidência uma perspectiva dinâmica e crítica em relação à abordagem tradicional e da própria Geopolítica, vista no contexto específico desta contribuição.

Quais pontos estão relacionados à percepção da Geopolítica de Kjellen por Gramsci (1975, p. 193, Q2, §39) como proposição de “um manual para os homens de Estado”? Qual o alcance de uma contraposição gramsciana à perspectiva geopolítica do jurista sueco que não seja sistemática, mas de alguma forma consistente? Como o contraponto gramsciano lida com a geopolítica de sua própria maneira em viés crítico e de superação da abordagem de Kjellen? Por outras palavras, como Gramsci incorpora de certa forma o termo “Geopolítica” e o trata em um viés dinâmico, e não como a condição geográfica, geopolítica e espacial do Estado dada de antemão? São estas as questões a serem respondidas de uma forma introdutória neste ensaio.

A hipótese a ser defendida de modo embrionário neste texto sustenta que a escrita incompleta e não sistemática de Gramsci deixa em aberto a possibilidade de ter “traduzido<sup>6</sup>” criticamente a Geopolítica como campo de embates pela hegemonia e de abordagem do espaço em face

---

Ao referir a Kjellen como um sociólogo que elaborava sobre temas próximos à Ciência Política, é provável que Gramsci tivesse tal crítica em mente. Ressalte-se que a perspectiva gramsciana não é de uma abordagem especializada na Ciência Política. Ela tem no horizonte a abordagem da totalidade, usando a política como fio condutor, como elemento mediador, de modo semelhante ao papel desempenhado pela economia na obra de Marx (COUTINHO, 2007, p. 93 e 101). Há que se considerar também a unidade indissolúvel entre história, filosofia e política na formulação gramsciana. Ver a respeito BIANCHI, 2008.

<sup>6</sup> Isto remete à categoria gramsciana de tradutibilidade ou traducibilidade. Ou simplesmente, tradução (GRAMSCI, 1975, p. 468, Q4, §41). Por outras palavras, uma categoria ou conceito não deve ser tomado, compreendido, aplicado de modo mecânico. Ele deve ser adaptado às diferentes línguas, às diferentes tradições históricas, sociais e culturais. Assim, a apreensão de conceito, categoria, noção ou ideia pode ser um desvio em relação a sua elaboração original, mas pode conotar também um enriquecimento em relação a seu significado original. Conceitos estranhos ao aparato conceitual gramsciano em um primeiro momento foram compatibilizados pelo comunista italiano de modo a se coadunar com sua chave crítica e marxista. Foi justamente o que Gramsci fez com aspectos estranhos ao marxismo de autores que lhe serviram de fonte, como Croce, Maquiavel, Guicciardini, Sorel, Pareto, Cuoco, dentre outros. Gramsci parece ter feito o mesmo com a Geopolítica de Kjellen dentro do registro incompleto e não sistemático de seus cadernos carcerários.

das relações internacionais e até mesmo como uma relação de sinonímia, proximidade com a Geografia. A propósito de argumento favorável que corrobora tal hipótese, assim escreve Adam Morton (2007, p. 50, grifos do autor):

*No nível geopolítico, Gramsci visou ir além de um relato que ofereceria simplesmente um “manual do homem de Estado” da geopolítica, evidente no trabalho de Rudolf Kjellén, explicitamente criticado como uma tentativa de construir uma ciência do Estado e da política que se baseava na territorialidade do Estado como um pressuposto, algo dado<sup>7</sup>.*

O mapa deste apontamento introdutório prevê uma apresentação de aspectos relevantes do contexto e pensamento do jurista escandinavo focados principalmente na sua abordagem da Geopolítica. O determinismo geográfico e sua abordagem tradicional e organicista do Estado serão tratados também.

No tocante a Gramsci, o dinamismo de sua perspectiva mais ampla relativa à geografia e ao espaço será contextualizado inicial e sumariamente em um primeiro momento como ponto de partida para tal discussão. Sucederá o foco no plano internacional com maior ênfase, focando principalmente na Geopolítica nos textos carcerários.

As considerações finais apontarão resumos dos principais argumentos e possibilidades ulteriores de pesquisa a partir dos problemas em pauta neste artigo.

## **KJELLEN E A GEOPOLÍTICA**

Johan Rudolf Kjellen (1864-1922) foi um jurista, parlamentar e sociólogo sueco de posições germanófilas a quem é atribuída a cunhagem do termo “geopolítica” (KARAKASIS, 2014, p. 3; TUNANDER, 2001, p. 452). Em um artigo publicado em 1899 na revista *Ymer*, – da Sociedade Sueca de Antropologia e Geografia (*Svenska Sällskapet for antropologi och geografi*) – Kjellen publica seu artigo “Studier öfver Sveriges politiska

<sup>7</sup> Adam Morton vai além na discussão geopolítica sobre Gramsci. Para ele, a categoria gramsciana de revolução passiva como forma historicamente situada de uma hegemonia incompleta proporciona uma teoria do jugo político do capital. Por extensão, tal teoria incorpora a competição geopolítica dentro de seu campo de referência. Ver a respeito MORTON, 2013.

Gränser” (“Estudos sobre os limites políticos da Suécia”, em tradução livre) cita pela primeira vez o termo “geopolítica”. O artigo tinha como objetivo destacar o ponto das tendências geopolíticas a respeito da fronteira oriental da Escandinávia, em especial a Suécia e a Finlândia com a Rússia (KJELLEN, 1899, p. 286).

Kjellen defendeu a política externa alemã durante a Primeira Guerra Mundial e criticou de forma veemente o conteúdo do Tratado de Versalhes que arrematou o conflito (G.R.C., 1930, p. 279). A ele é também atribuído o entendimento da Geopolítica como uma disciplina de caráter mais autônomo no contexto mais amplo de seus vínculos com a política e a geografia. O Estado para Kjellen aparece quase como uma unidade, ao possuir uma vontade maior do que a soma de interesses individuais que o constituem. Ademais, Kjellen busca sintetizar todos os fatores que compõem um Estado, tais como grupos sociais, território, recursos, organização, entre outros (LUNDÉN, 1986, p. 181). Seu interesse e proximidade com as questões políticas também remetem a posições ocupadas como professor de Ciência Política na Universidade de Upsalla e de Teoria do Estado na Universidade de Gotemburgo.

A dificuldade de acesso aos seus textos fora dos idiomas sueco e alemão está fortemente associada à aversão do resto do mundo às suas posições, recepcionadas e encampadas pelos militares e geopolíticos alemães e nazistas – como o general Karl Haushofer (1869-1946)<sup>8</sup> -, além de certo desuso em cronologia mais recente da perspectiva determinista geográfica e organicista do Estado – abordagens características do jurista sueco - no âmbito da teorização e análise das relações internacionais.

Mencione-se também o nulo impacto de sua obra na Grã-Bretanha, Estados Unidos e no restante do mundo anglo-saxônico. Seus escritos tiveram uma maior repercussão na Alemanha e na Europa Continental (TUNANDER, 2001, p. 453), ponto que muito provavelmente explicou a motivação de Gramsci para escrever sobre o jurista sueco a partir de suas

---

<sup>8</sup> Existe literatura que dá notícia da influência direta de Haushofer sobre Hitler (por exemplo, MELLO, 1997c, p. 39 e WHITTLESEY, 1952) e de que ele teria comandado um influente e poderoso aparato conhecido como Instituto Geopolítico de Munique. Algumas abordagens sustentam que tais pontos são controversos. Elas sugerem que se criou toda uma mitologia e conjunto de exageros sobre o tema, dando inclusive notícia de que sequer havia um contato pessoal direto e laços estreitos entre Hitler e Haushofer. Ver a respeito MURPHY, 2014; MIYAMOTO, 1995, p. 39. Um fato concreto é a iniciativa de Haushofer e seu grupo de colaboradores buscarem, aparentemente, desenvolver conceitualmente de alguma forma as sugestões feitas pelo jurista sueco na forma de um livro. Ver a respeito HOUSE, 1930, p. 661-662.

leituras efetuadas no cárcere e no período pré-carcerário, embora nenhuma evidência apareça nesta direção no aparato crítico da edição dos cadernos carcerários organizada pela equipe de pesquisadores de Valentino Gerratana. Todavia, a citação em detalhes por Gramsci dos títulos traduzidos para o alemão de livros de Kjellen é sugestiva da possibilidade de acesso em algum momento de sua vida a tal informação, de modo direto ou indireto<sup>9</sup>.

Nenhuma obra de Kjellen foi traduzida para o inglês, a despeito de versões em outras línguas na América Latina e Índia (TUNANDER, 2008, p. 166; HAGAN, 1942, p. 482). A associação do nazismo às abordagens geopolíticas em geral é outro motivo que não deve ser descartado na dificuldade e ausência de estudos sobre o autor escandinavo, inclusive na própria Suécia (TUNANDER, 2008, p. 165).

Não se deve esquecer, da mesma forma, a associação da já mencionada abordagem geopolítica como predomínio do determinismo geográfico a geógrafos e estudiosos brasileiros da geopolítica de inclinação germanófila, como Everardo Backheuser (1933), e ao regime militar brasileiro, pródigo nas fontes de suas análises dos autores clássicos desta perspectiva, estando Kjellen entre eles<sup>10</sup>.

Kjellen concebe a geopolítica como campo de estudo do Estado, considerado por ele um organismo geográfico. Um fenômeno situado em espaço específico do Estado referido seja na forma de país, região, território ou domínio político (KJELLEN, apud COUTO E SILVA, 1967, p. 160). O caráter organicista do Estado funciona em seu pensamento de modo muito mais estrito do que como uma analogia. A despeito disto, ele considera o território do Estado como seu corpo. Compara o Estado a uma árvore. Arrancada do solo, perece. (KJELLEN apud HOUSE, 1930, p. 661). O Estado como organismo precisa crescer, devendo zelar por uma vida saudável e espaço para a consecução de tal desenvolvimento. Assim, o Estado deveria se voltar para o caráter de seus cidadãos no presente e no futuro, considerando a autarquia ou autossuficiência como seu ideal último. O entendimento do Estado como um organismo e a necessidade

---

<sup>9</sup> Segundo a versão dos Cadernos do Cárcere de Joseph A. Buttigieg as informações sobre Rudolf Kjellen da nota “A geopolítica” é extraída do artigo do geógrafo e historiador italiano Roberto Almagià intitulado “*Gli indirizzi attuali della geografia e il décimo Congresso geografico nazionale*” a partir do Décimo Congresso Geográfico Nazionale na revista italiana *Nuova Antologia*, v. 332, 1937. (apud GRAMSCI, 2010, p. 547)

<sup>10</sup> Ver a título de exemplificação as formulações do general e ex-ministro dos governos Geisel e Figueiredo, Golbery do Couto e Silva (1967, p. 28, 29, 160, 161, 166 e 167).

de expansão de seu espaço vital ou aquilo que o geógrafo prussiano Friedrich Ratzel chamou em alemão de *Lebensraum* provavelmente indica um parentesco intelectual ou influência deste em relação ao jurista sueco (HAGAN, 1942, p. 481; HOLDAR, 1992, p. 311; HOUSE, 1930, p. 661; KISS, 1942, p. 638; KOST, 1989, p. 376; MELLO, 1997a, p. 12; TUNANDER, 2005, p. 547 e 2001, p. 451 e 454). Para tal e para seu fortalecimento também, de acordo com Kjellen, o Estado deve se valer da guerra. Neste esteio, rejeitava o materialismo, o pacifismo e criticava o laxismo do liberalismo (KJELLEN apud TUNANDER, 2001, p. 452). Na medida em que os Estados maiores se desenvolvem e se organizam, mais eles fazem sentir sua influência nos espaços nos vastos espaços, diminuindo a importância dos Estados menores, relegados às áreas periféricas ou condenados ao desaparecimento (KJELLEN apud KISS, 1942, p. 639).

Os contornos conceituais sobrevalorizados da geografia, do espaço e da percepção do ente estatal como organismo já são evidenciados nestas primeiras definições. Trata-se “do estudo daqueles processos políticos que *ocorrem em dependência do solo dos Estados*” (KJELLEN, apud COUTO E SILVA, 1967, p. 161, grifo nosso). O próprio determinismo geográfico do jurista é admitido pelo general Golbery do Couto e Silva, aludindo a outro entusiasta das formulações de Kjellen, o já citado geógrafo brasileiro Everardo Backheuser:

Da feliz asserção de Backheuser, nada temos a dizer quanto ao âmbito mais vasto que atribui à Geopolítica; apenas, julgamos útil ponderar o leve sabor determinista que consigo traz a locução “*em decorrência das condições geográficas*”, nada de admirar em quem aplaude Kjellén por considerar o Estado ‘fundamentalmente, essencialmente, um *ser vivo*’ [...] (BACKHEUSER apud COUTO e SILVA, 1967, p. 166, destaques no original).

Conforme já assinalado, o mapa de Kjellen aponta para a Alemanha. Ele a identifica como natural e tendencialmente dirigente do ponto de vista geográfico e cultural para, inclusive, a assumpção de uma liderança mundial (apud MELLO, 1997c, p. 33). Somada à russofobia<sup>11</sup> de alguns setores de sua época – a Finlândia fora anexada pelo Império Russo

<sup>11</sup> O próprio Kjellen tece várias análises críticas a respeito do posicionamento da Rússia. Em seu livro *Världskrigets politiska problem* (1915), o jurista sueco aponta no seu capítulo 1 os problemas geopolíticos e menciona diretamente os casos da Inglaterra e Rússia. Sobre a Rússia, o autor nesse mesmo livro discorre sobre a ameaça russa ao qual afirma que a política russa é determinada por sua própria ótica (KJELLEN, 1915, p.15).



em 1809 após derrota sueca em campo de batalha –, Kjellen tinha em mente um contrapeso germânico frente aos eslavos com a possibilidade de restauração de alguns domínios territoriais e de uma posição hegemônica no contexto escandinavo para a Suécia e a libertação ou reanexação da Finlândia (TUNANDER, 2001, p. 455). Kjellen compunha um setor significativo e politicamente bastante heterogêneo da elite e sociedade civil sueca simpático à causa germânica e das potências centrais por ocasião da Primeira Guerra Mundial, em contraste com a neutralidade oficial do país (JONAS, 2014).

Neste sentido, a expansão alemã fazia parte da perspectiva encampada por Kjellen (1985, p. 59):

O problema da Alemanha é na realidade o mesmo da Inglaterra. Ela também deve assegurar-se de um mercado para a compra de matérias primas e a venda de produtos manufaturados. Trata de solucioná-lo assegurando-se de uma esfera especial de influência. Somente diferem os caminhos pelos quais há de se alcançar: a Inglaterra já possui um vasto império, e a única coisa a fazer é fechá-lo aos competidores estrangeiros. A Alemanha, ao contrário, antes tem que criar essa esfera. Enquanto a Inglaterra obtém seu propósito mediante a concentração, a Alemanha somente poderá alcançá-lo mediante a expansão. Aqui falamos do programa ‘Berlin a Bagdá’ e uma esfera centro-européia de influência, cuja base é uma livre federação dos distintos Estados interessados. Em outras palavras, consideramos a economia primária – agrícola – [...] como um complemento da indústria alemã.<sup>12</sup>

A citada criação de “uma esfera especial de influência” para a Alemanha na citação anterior é destacada no seu pensamento geopolítico por Tunander (2001, p. 458), na perspectiva de unidades políticas maiores, citando o próprio jurista sueco:

Por isso, é preciso distinguir a idéia de Estado-nação de prática política, e era evidente para Kjellén que o Estado-nação estava se

---

<sup>12</sup> O trecho citado tem tradução de nossa responsabilidade. No original da tradução argentina, é encontrado o seguinte trecho: “El problema de Alemania es en realidad el mismo de Inglaterra. También ella debe asegurarse un mercado para la compra de materias primas y la venta de productos terminados. Trata de solucionarlo asegurándose una especial esfera de influencia. Solamente difieren los caminos por los cuales ha de alcanzarse: Inglaterra ya lo posee en un vasto imperio, y lo único que tiene que hacer es cerrarlo a los competidores extranjeros. Alemania, por el contrario, antes tiene que crear esa esfera. En tanto que Inglaterra obtiene su propósito mediante la concentración, Alemania sólo podrá alcanzarlo mediante la expansión. Aquí hallamos el programa ‘Berlín a Bagdad’ y una esfera centro-europea de influencia, cuya base es una libre federación de los distintos estados interesados. En otras palabras, consideramos a la economía primaria – agrícola – [...] como un complemento de la industria alemana” (KJELLEN, 1985, p. 58-59).

tornando muito pequeno para corresponder a necessidades políticas e econômicas do século vinte. ‘O exemplo clássico é próximo: se a Prússia de Frederico, o grande, foi o suficiente para o equilíbrio do século XVIII, então a Alemanha de Bismarck era necessária para o equilíbrio do século XIX. E agora, quando o padrão aumentou para incluir os grandes impérios da Inglaterra, Rússia e os EUA, o saldo parece defender uma *Mittel Europa*, seja ela em forma menor da Alemanha-Áustria-Hungria (Naumann) ou melhor, no maior formato, para incluir o Levante (Jaekkh). Este é o retrato de um complexo Estado ou um Estado-bloco para atender às mudanças geográficas. Em outras palavras, estes são indicadores apontando para os blocos como a OTAN ou a UE. Kjellén, entretanto, salienta que tal bloco de Estados não tem uma unidade étnica e deve respeitar as nações particulares’, identidades, de modo a não ser transformado em um regime que “sufoca toda vida autônoma com a força de sua cultura”<sup>13</sup>.

Portanto, resume-se a abordagem de Kjellen em termos da importância da autossuficiência de um Estado, sua influência como unidade política maior na forma de bloco, o importante peso da sua expansão econômica e espacial para sua sobrevivência e a enorme relevância do meio, do solo, da geografia em todas as suas distintas manifestações. Tal ausência de particularidade histórica na relação com as questões espaço-geográficas é um dos pontos nevrálgicos da crítica gramsciana, como será demonstrado a seguir.

## GRAMSCI E A GEOPOLÍTICA

Não se pode descartar a possibilidade de que a curta menção a Kjellen nos cadernos fosse o ensejo para futuros escritos, ponto sugestivo da escrita sumária e pontual de Gramsci sobre o tema da Geopolítica. Tampouco podem ser ignoradas as nove menções à Geopolítica ou posição

<sup>13</sup> Tradução de nossa responsabilidade. No trecho original em inglês, é encontrada a seguinte redação: “Consequently one must distinguish the idea of the nation-state from practical politics, and it was apparent to Kjellén that the nation-state was becoming too small to correspond to the twentieth century’s political and economic necessities. ‘The classic example is close: if Fredric The Great’s Prussia was enough for the eighteenth century balance, then Bismarck’s Germany was needed for that of the nineteenth century. And now, when the standard has swollen to include the vast empires of England, Russia and the USA, the balance seems to advocate a *Mittel Europa*, be it in the minor form of Germany-Austria-Hungary (Naumann) or rather in the greater form, to include the Levant (Jaekkh). This is the picture of a state-complex or a state-block to meet geographical changes.’ In other words, these are indicators pointing towards unions like NATO or the EU. Kjellén, meanwhile, stresses that such a block of states lacks an ethnic unity and must respect the particular nations’ identities, so as not to be transformed into a regime that ‘smothers all autonomous life with the force of its culture’. ‘Neither *Mittel Europa* nor Pan-America have any relation to ethnic units”.

geopolítica nos cadernos carcerários distribuídas em seis parágrafos (GRAMSCI, 1975, p. 193, Q2, § 39; p. 1182, Q9, §118; p. 1360, Q10, §61; p. 1666, Q14, §11; p. 1723, Q14, §63; p. 1999, Q19, §12), seja como alusão à Geopolítica como área ou disciplina, seja como sentido próximo às questões de natureza geográfica. O contexto da Primeira Guerra Mundial, tão caro à experiência política e à maturação do pensamento de Gramsci, remete de alguma forma às temáticas que Kjellen discutiu em sua obra.

As questões espaciais e geográficas são uma constante no construto gramsciano de seus cadernos carcerários. Neste diapasão, Bob Jessop destaca a conotação ou denotação geográfico-espacial de várias de suas categorias e metáforas, entre elas algumas das mais importantes: “Oriente”, “Ocidente”, guerra de posição, guerra de movimento, guerra de manobra, Norte/Sul, morfologia do Estado, base e superestrutura, cosmologia popular, trincheiras, fortificações, perímetro externo, casa-mata, revolução passiva, bloco histórico, bloco hegemônico, vanguarda, transformações moleculares (JESSOP, 2006, p. 28-29). E incluiria aí também noções e referências também presentes na obra carcerária como centro, periferia e cidade.

A historicização e o caráter dinâmico destas categorias e metáforas aparecem no fato de que seus significados mudam justamente em função de suas particularidades de análise. Vejam-se alguns argumentos a título de exemplificação. A “guerra de movimento” e a “guerra de posição” não são empregadas somente no âmbito dos conflitos e relações de força no âmbito da sociedade civil dos Estados com a conotação de luta política, mas também são usadas em análises das relações interestatais, no sentido mais estrito de guerras entre países. “Oriente” e “Ocidente” não possuem um significado eurocêntrico de referência tradicional aos hemisférios. Referem, respectivamente, à menor e maior complexidade das sociedades civis, que podem inclusive coexistir no âmbito de um mesmo Estado em função das diferentes temporalidades de desenvolvimento dos vários aspectos de seu modo de vida. Tal acuidade histórica nada tem a ver com um esquema evolutivo ou mesmo de localização no mapa em termos eurocêntricos, haja vista a possibilidade histórica de classificar uma sociedade como a japonesa do fim do século XIX como “ocidental” em face de sua complexidade.

A preocupação gramsciana com o tema da Geopolítica tem indícios que antecedem seu período carcerário. Não somente pelo fato de ser conhecedor de vários aspectos da cultura alemã mesmo durante o forte esforço propagandístico anti-germânico durante a Primeira Guerra Mundial. A propósito de tema afim à preocupação já citada de Kjellen durante a Grande Guerra, qual seja, uma integração da Europa Central sob a direção da Alemanha, assim escreve Leonardo Rapone sobre Gramsci:

A questão da superação da forma tradicional da soberania dos Estados tornara-se atual sobretudo após a publicação de *Mittleuropa*, o volume em que Friedrich Naumann, o maior dos escritores políticos alemães, enuncia sua visão dos objetivos de guerra da Alemanha, gerando grande ressonância internacional: o objetivo de uma integração da Europa Central sob a direção econômica e política do Reich era relacionado à tendência histórica de formação de organismos superestatais, de que as redes de relações já constituídas em torno da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos e da Rússia forneciam os primeiros exemplos, evidenciando a erosão dos Estados satélites e a concentração de poder nas mãos daqueles que o autor denominava *Welstaaten*. Às questões levantadas por Naumann fizera coro na Itália a conferência inaugural de Santi Romano para os cursos do ano acadêmico de 1917 – 1918 do Instituto Florentino de Ciências Sociais Cesare Alfieri, significativamente intitulada ‘Além do Estado’, na qual se assinalava a obsolescência da visão do Estado como ‘termo máximo e último de referência de tudo aquilo que concerne ao desenvolvimento da humanidade’ e se formulava a possibilidade de que os Estados ou mesmo só algum deles, ‘com o tempo’, permaneceriam ‘contidos e talvez absorvidos em organizações maiores não propriamente estatais’. Há dúvidas se Gramsci teve notícia da intervenção de Romano, ao passo que o eco das teses de Naumann certamente lhe chegou, ainda que não saibamos dizer se teve conhecimento direto do texto (que, traduzido já em 1916 para o francês e o inglês, apareceu em edição italiana, em dois volumes, entre 1918 e 1919)” (RAPONE, 2014, p. 270-271).

No que refere especificamente a Kjellen, Gramsci não somente cita os títulos de dois de seus importantes livros traduzidos para o alemão como também um manual de política mundial baseado no livro de geografia política de autoria de Arthur Dix *Politsche Geographie* (1922) publicado na Alemanha. Uma tradução livre do título desta obra, de modo semelhante à escrita de Gramsci no parágrafo 39 do caderno 2, é “Geografia Política - Manual Político Mundial”. O manual em questão explora temática afim aos escritos de Kjellen (1917 e 1922), sem mencionar seus escritos, exceto

pelo anúncio publicitário no fim do volume dando notícia de obra do jurista sueco publicada pelo mesmo editor. Gramsci cita também a “Revista de Geopolítica” (*Zeitschrift für Geopolitik*)<sup>14</sup>, publicação justamente concretizada pelo general alemão nazista Karl Haushofer e seus colaboradores no âmbito de um simpósio sobre Geopolítica por eles organizado na Universidade de Munique, o *Bausteine zur Geopolitik* (HOUSE, 1930, p. 661). De acordo com o aparato crítico de Valentino Gerratana, na escrita deste texto Gramsci teve acesso ao periódico *Nuova Antologia*, datados de 16 de julho e 1 de agosto, ambos de 1927.

Os cadernos carcerários em que aparece o termo “Geopolítica” foram provavelmente escritos em junho de 1930, setembro de 1932, maio de 1933, julho e agosto de 1932, fevereiro e maio de 1933, e entre fevereiro de 1934 a fevereiro de 1935. Tais datas correspondem respectivamente à elaboração dos parágrafos dos cadernos 2, 9, 10, 14 e 19 (FRANCIONI, 1984, p. 142-145).

Podem eventualmente ter significados semelhantes as expressões gramscianas “posição geográfica” e “posição geopolítica”? No que concerne à expressão “posição geopolítica”, a hipótese aqui sustentada é de que Gramsci a ressignificou em perspectiva crítica em relação à expressão homônima de Kjellen. Para que possamos ter mais clareza sobre o que Gramsci entende e analisa a geopolítica, apresentaremos os parágrafos dos cadernos ao qual o autor sardo faz menção ao termo geopolítica.

### ***LA GEOPOLITICA (Q2, §39)***

A primeira menção de Gramsci nos Cadernos do Cárcere transcrita anteriormente nesse texto é escrita provavelmente em junho de 1930 (FRANCIONI, 1984, p. 142-145). No parágrafo que já sublinhamos na primeira parte desse artigo aparecem as menções diretamente a Kjellen (GRAMSCI, 1975, p. 139, Q2, §39) e nele Gramsci incorpora o sentido tradicional da geopolítica, ao qual introduzido pelo jurista sueco. Gramsci discute sucintamente como as ideias de Kjellen foram determinantes para a criação da Ciência do Estado ou Política. A tradução para o italiano com os títulos dos livros *Lo Stato come forma di vita* e *Le grandi potenze attuali*

<sup>14</sup> Inclusive Rudolf Kjellen escreve em 1905 nessa revista (*Zeitschrift für Geopolitik*) cujo artigo *Geopolitische Betrachtungen über Skandinavien* (*Considerações geopolíticas da Escandinávia*, tradução livre sob nossa responsabilidade) discute sobre o relacionamento geopoliticamente afastado entre os países da Escandinávia, apesar da existência de alguns fatores geográficos que pudessem complementá-los (KJELLEN, 1905).

(*Die Grossmächte der Gegenwart*) deve ao texto publicado na revista Nuova Antologia de 1927 escrita por Roberto Almagià, um importante geógrafo italiano responsável pela elaboração crítica dos verbetes da Enciclopédia Treccani (ALMAGIÀ, 1927; ALMAGIÀ, s/d). Devido ao seu provável interesse pelo tema, portanto, o parágrafo ao qual faz menção à Rudolf Kjellen se trata de uma resenha e foi crucial para o desenvolvimento da crítica de Gramsci à geopolítica<sup>15</sup>.

Na prisão, Gramsci tinha uma conta na livraria *Sperling & Kupfer* em Milão concedido por seu amigo Piero Sraffa para fazer encomendas de livros, jornais e periódicos. Nas *Cartas do Cárcere* (2005), Gramsci em correspondência a sua cunhada, Tatiana Schucht afirmara que havia começado um programa ao qual buscava estudar a língua alemã e russa com “método e continuidade” e também economia e história (Carta à Tatiana Schucht, 9 dezembro de 1926. GRAMSCI, 2005, v.1, p. 80). Também solicitara um dicionário bilíngue alemão-italiano para que pudesse ler os textos em alemão. Muito provavelmente, Gramsci obteve os livros em alemão. Também tinha acesso a bibliografias sobre geografia, inclusive na revista italiana *Nuova Antologia*, ao qual dedicava algumas páginas para o tema. Interesse esse se traduz na curiosidade de Gramsci sobre o tema, ao passo que pouco tempo depois do ingresso na prisão, Gramsci relata que já estava participava da escola de cultura geral organizada por ele: o autor sardo ensinava história e geografia, e em troca frequentava as aulas de alemão junto aos seus colegas de cárcere (Carta à Tatiana Schucht, 3 de janeiro de 1927. GRAMSCI, 2005, v.1, p. 102).

Todo o interesse pela língua alemã, além da história e geografia possivelmente favoreceu o contato de Gramsci pelo pensamento geopolítico

<sup>15</sup> O trecho do artigo em questão da revista *Nuova Antologia* resenhado por Gramsci, com algumas modificações: “Già negli anni immediatamente precedenti alla guerra un sociologo svedese, Rodolfo Kjellén, cercava di costruire su nuove basi una *Scienza dello Stato o Politica*, partendo dallo studio Del territorio organizzato politicamente (Geopolitica) e della massa di uomini, viventi in società su quel territorio (Demopolitica). I suoi libri, specialmente i due intitolati *Lo Stato come forma di vita* e *Le grandi potenze attuali*, ebbero un’ enorme diffusione in Germania (2), dove le idee del Kjellén hanno dato luogo subito ad una larghissima elaborazione, specialmente nel campo geografico. In fatti, mentre si fanno sempre più frequenti gli studi e le monografie su singoli stati, ispirati alle idee del Kjellén – cito a cagion d’ esempio, quella dell’Hettner sulla Russia, quelle del Braun sui Paesi Scandinavi, quella del Tuckermann sull’Europa Orientale, ecc – si fonda una *Zeitschrift für Geopolitik*, e appaiono opere voluminose di Geografia Politica (una diese – che porta il significativo sotto-titolo di *Weltpolitisches Handbuch* – vuo, essere dichiaratamente un manuale per gli uomini di Stato, i diplomatici e quanti si occupano di politica mondiale) (3), ed anche di Geografia Economica (monumentale, tra esse, la *Geographie des Welthandels* diretta dall’Andrée e dal Sieger, di cui si è iniziata nel 1926 la quarta edizione).

(2) Il secondo, che nella traduzione tedesca, apparsa nel 1912, si intitola *Die Grossmächte der Gegenwart*, ebbe 20 edizioni o ristampe tra il 1912 e il 1919; poi fu rielaborato dall’A. Col titolo *Die Grossmächte un die Weltkrise* (1921). Il Kjellen è morto nel 1922.”

de Kjellen, que já se disseminava na Alemanha, ainda que indiretamente. Ainda que seja apenas uma menção direta a Rudolf Kjellen, Gramsci traduzirá criticamente seus escritos ao conceito tradicional de geopolítica. Seu entendimento pela dimensão geopolítica e até mesmo geográfica será organicamente dinâmico e não determinístico; tradução essa oposta à noção tradicional de geopolítica, veiculada pela tradição germanófila de Kjellen.

Como desdobramento de tais menções, Gramsci esboça uma análise justamente sobre o contexto regional escandinavo que põe a Suécia em questão. Gramsci se debruça sobre um artigo da *Nuova Antologia*, na datação já citada de 1 de agosto de 1927<sup>16</sup>. Já em seus escritos carcerários, o parágrafo *La Geopolítica* ao qual faz menção direta a Kjellen aparecerá em junho de 1930<sup>17</sup>.

### ***LA POSIZIONE GEOPOLÍTICA DELL'ITÁLIA. LA POSSIBILITA DEI BLOCCHI (Q9, §118; Q19, §12)***

Na segunda menção do termo geopolítica (Q9), Gramsci incorpora um sentido que parece estar contemplado no léxico gramsciano. A essa análise devemos destacar uma peculiaridade. A segunda menção do Caderno 9, um texto A, isto é, de “primeira redação”<sup>18</sup> provavelmente escrita em setembro de 1932 será reescrita quase dois anos depois, em sua sexta e última menção no Q19 §12. Esta última menção trata-se de texto C, ou seja, o de “segunda redação” foi reescrito provavelmente entre fevereiro de 1934 e fevereiro de 1935. Cabe sublinhar as diferenças entre as versões, uma vez que alguns de seus escritos, o autor sardo buscou rever suas anotações e repensá-las de acordo com o seu ritmo de pensamento<sup>19</sup>:

<sup>16</sup> Consulte-se o aparato crítico da edição crítica dos cadernos carcerários gramscianos (GRAMSCI, 1975, p. 2548 e 2549).

<sup>17</sup> Vale ressaltar o parágrafo seguinte, Q2, §40 ao qual Gramsci tece uma crítica sobre o problema escandinavo e báltico a partir de sua leitura da Revista *Nuova Antologia*, de 1º de agosto de 1927. Esta edição continha uma seção sobre os assuntos geopolíticos do Décimo Congresso Geográfico Nacional. Ainda que Gramsci não tenha citado Rudolf Kjellen diretamente, podemos indagar se essa era uma continuidade da crítica à noção tradicional adotado pelo jurista sueco ao qual tinha uma análise sobre o problema da geopolítica a partir da região Escandinávia e báltica, dada sua naturalidade sueca e a proximidade com os problemas geopolíticos regionais, ao qual permitiu disseminar seus escritos sobretudo para a Alemanha, ganhando assim maior notoriedade internacional.

<sup>18</sup> Segundo a edição dos Cadernos do Cárcere de Carlos Nelson Coutinho em 6 volumes, o texto tipo A é o de primeira redação.

<sup>19</sup> A versão tipo C – segunda redação – em português não se encontra na edição de Carlos Nelson Coutinho. Por isso a versão de Valentino Gerratana em italiano foi cotejada.

Q9, §118. *La posizione geopolitica dell'Italia. La possibilità dei blocchi.*

Nella sesta seduta della Conferenza di Washington (23 dicembre 1921) il delegato inglese Balfour, **a proposito della posizione geopolitica dell'Italia,** disse: «L'Italia non è un'isola, ma può considerarsi come un'isola. Mi ricordo dell'estrema difficoltà che abbiamo avuto a rifornirla anche con il minimo di carbone necessario per mantenere la sua attività, i suoi arsenali e le sue officine, durante la guerra. Dubito che essa possa nutrirsi e approvvigionarsi, o continuare ad essere una effettiva unità di combattimento, se fosse realmente sottomessa ad un blocco e se il suo commercio marittimo fosse arrestato. L'Italia ha cinque vicini nel Mediterraneo. Spero e credo che la pace, pace eterna, possa regnare negli antichi focolari della civiltà. [88 bis] Ma noi facciamo un esame freddo e calcolatore come quello di un membro qualsiasi dello Stato Maggiore Generale. Questi, considerando Il problema senza alcun pregiudizio politico e soltanto come una questione di strategia, direbbe all'Italia: voi avete cinque vicini, ciascuno dei quali può, se vuole, stabilire un blocco delle vostre coste senza impiegare una sola nave di superficie. Non sarebbe necessario che sbarcasse truppe e desse battaglia. Voi perireste senza essere conquistati». **È vero che** Balfour parlava specialmente sotto l'impressione della guerra sottomarina e prima dei grandi **passi fatti** dall'aviazione di bombardamento, che non pare possa **perinettere** un blocco immune da rappresaglie, tuttavia per alcuni aspetti la sua analisi è abbastanza giusta

(GRAMSCI, 1975, p. 1182, Q9, §118)

Q9, §118. *La posizione geopolitica dell'Italia. La possibilità dei blocchi.*

Nella sesta seduta della Conferenza di Washington (23 dicembre 1921) il delegato inglese Balfour, **a proposito della posizione geopolitica dell'Italia,** disse: «L'Italia non è un'isola, ma può considerarsi come un'isola. Mi ricordo dell'estrema difficoltà che abbiamo avuto a rifornirla anche con il minimo di carbone necessario per mantenere la sua attività, i suoi arsenali e le sue officine, durante la guerra. Dubito che essa possa nutrirsi e approvvigionarsi, o continuare ad essere una effettiva unità di combattimento, se fosse realmente sottomessa ad un blocco e se il suo commercio marittimo fosse arrestato. L'Italia ha cinque vicini nel Mediterraneo. Spero e credo che la pace, pace eterna, possa regnare negli antichi focolari della civiltà. [88 bis] Ma noi facciamo un esame freddo e calcolatore come quello di un membro qualsiasi dello Stato Maggiore Generale. Questi, considerando Il problema senza alcun pregiudizio politico e soltanto come una questione di strategia, direbbe all'Italia: voi avete cinque vicini, ciascuno dei quali può, se vuole, stabilire un blocco delle vostre coste senza impiegare una sola nave di superficie. Non sarebbe necessario che sbarcasse truppe e desse battaglia. Voi perireste senza essere conquistati». **È vero che** Balfour parlava specialmente sotto l'impressione della guerra sottomarina e prima dei grandi **passi fatti** dall'aviazione di bombardamento, che non pare possa **perinettere** un blocco immune da rappresaglie, tuttavia per alcuni aspetti la sua analisi è abbastanza giusta

(GRAMSCI, 1975, p. 1999, Q19, §12)



Nas diferentes versões do parágrafo apresentado, ainda que Gramsci tenha excluído o termo “posição geopolítica” da segunda versão escrita, ainda sim o título permanece inalterado. No entanto, podemos indagar até que ponto o conceito de geopolítica não fora excluído de modo a ressignificar o sentido do termo “geopolítica” italiana ao qual não se compreenda o significado tradicional do termo, mas a sua crítica posterior. Aparece a expressão que será reproduzida algumas vezes nos cadernos, “posição geopolítica”. Curiosamente, Gramsci também usa a expressão “posição geográfica” ou “disposição geográfica” em oito menções nos seguintes cadernos a partir da versão Valentino Gerratana de 1975<sup>20</sup>:

- a) Primeira menção – *Italia e Yemen nella nuova politica arabica*<sup>21</sup>;
- b) Segunda e sétima menções – *Grandezza relativa delle potenze / Elementi per calcolare la gerarchia di potenza fra gli Stati*:<sup>22</sup>
- c) Terceira e oitava menções – *Risorgimento. L'Italia nel Settecento / L'Italia nel Settecento*<sup>23</sup>;
- f) Quarta menção – *Giornalismo*<sup>24</sup>;
- g) Quinta e sexta menções – *Il moderno principe / (Le note scritte a proposito dello Studio delle situazioni e di ciò che occorre intendere per “rapporti di forza”)*<sup>25</sup>.

Na primeira menção, Gramsci avaliará historicamente a nova política arábica a partir das relações da Itália e Yemen e, portanto, analisa o papel político da Itália a partir de sua distribuição geográfica. Na segunda e sétima menção, o autor sardo busca identificar a grandeza relativa de

---

<sup>20</sup> Das oito menções nos cadernos carcerários, seis são decorrentes da escrita e reescrita de Gramsci: textos A (primeira redação) e C (segunda redação). Para efeitos de análise, não trataremos minuciosamente cada uma das razões da reescrita e consideraremos ambas as versões de um mesmo texto a partir do foco da geopolítica e sua relação sinonímia, a geografia, embora respeitando as particularidades da reescrita de Gramsci e, assim o ritmo de seus pensamentos.

<sup>21</sup> GRAMSCI, 1975, p. 188, Q2, § 30 (escrito entre maio e junho de 1930)

<sup>22</sup> GRAMSCI, 1975, p. 512, Q4, §67 (escrito em novembro de 1930) e p. 1597-1598, Q13, §19 (escrito entre maio de 1932 e o primeiro mês de 1934), respectivamente.

<sup>23</sup> GRAMSCI, 1975, p. 686, Q6, §6 (escrito entre novembro e dezembro de 1930) e p. 2077, Q19, §56 (escrito fevereiro de 1934 e fevereiro de 1935), respectivamente.

<sup>24</sup> No caderno 6, §104 (Giornalismo) aparece o termo “disposizione geográfica” (disposição geográfica) da Itália. GRAMSCI, 1975, p. 777, Q6, §104 (escrito entre março e agosto de 1931)

<sup>25</sup> GRAMSCI, 1975, p. 964, Q8, §37 (escrito em fevereiro de 1932); p. 1562, Q13, §2 (escrito entre maio de 1932 e primeiro mês de 1934), respectivamente.

uma potência, ao qual depende de alguns fatores como extensão territorial (a que Gramsci remete à dimensão geográfica), força econômica, militar, entre outros. Na terceira e também na oitava e última menção do termo, a posição geográfica é tida como um elemento de equilíbrio da influência francesa na política italiana no período do *Risorgimento* italiano, uma questão muito discutida pelo autor sardo<sup>26</sup>. Em seguida, a quarta menção, o termo “disposição geográfica” também aparece em decorrência da falta de interesse da população pela vida internacional e até mesmo nacional, em especial da Itália, ao qual dispunha de uma disposição geográfica desfavorável e da ausência de um centro político e intelectual nacional mais engajado. Em todas essas passagens Gramsci analisa a proximidade política com a dimensão geográfica, tendo a Itália como referência.

Já na quinta e sexta menção, Gramsci exporá de forma mais enfática as relações internacionais. A reescrita do autor sobre tal temática evidencia não apenas a importância da geografia, mas o papel político das relações internacionais. Gramsci indagará:

As relações internacionais precedem ou seguem (logicamente) as relações sociais fundamentais? Indubitavelmente seguem. Toda inovação orgânica na estrutura modifica organicamente as relações absolutas e relativas no campo internacional, através de suas expressões técnico-militares. **Até mesmo a posição geográfica de um estado nacional não precede, mas segue (logicamente) as inovações estruturais**, ainda que reaja sobre elas numa certa medida (exatamente na medida em que as superestruturas reagem sobre a estrutura, a política sobre a economia, etc). (GRAMSCI, 2000, v.3, p. 20, Q. 13 § 2, grifo nosso).

Em diversas passagens dos cadernos carcerários, Gramsci enfatiza o papel das relações internacionais para que se compreendam as relações sociais no campo nacional. A essa diferenciação não se deve apenas por uma perspectiva espacial, isto é, pelos limites territoriais, mas como existe uma correlação entre as relações de força, traduzidas principalmente pelas hegemonias em um espaço construído organicamente por tais relações sociais. E, para se compreender a dimensão internacional, deve se considerar, sobretudo a dimensão nacional, uma vez que as relações internacionais

---

<sup>26</sup> O Q6, §6 e o Q19, §56 tratam-se de duas versões do mesmo texto sobre o *Risorgimento* italiano: texto A – “primeira redação” e texto C – “segunda redação”, respectivamente.

resultarão das transformações orgânicas internamente. Portanto, a posição geográfica não é determinante para as transformações orgânicas na estrutura; ela derivará dessas transformações. Com essa passagem dos cadernos carcerários, podemos reafirmar a hipótese defendida a respeito da tradução crítica de Gramsci para com os conceitos da geopolítica e da geografia.

*PUNTI PER UM SAGGIO CRITICO SULLE DUE STORIE DEL CROCE: D'ITALIA E D'EUROPA (Q10, §61)*

Este Caderno 10 – “Pontos para um ensaio crítico sobre as duas histórias de Croce: da Itália e da Europa” – é o caderno mais extenso em que aparece o termo “geopolítica”. Escrito provavelmente em maio de 1933 (FRANCIONI, 1984, p. 142-145), Gramsci tem a preocupação de discutir o modelo de formação dos Estados modernos a partir dos escritos de Benedetto Croce.

É verdade que conquista do poder e afirmação de um novo mundo produtivo são indissociáveis; que a propaganda em favor de uma coisa é também propaganda em favor da outra; e que, na realidade, somente nessa coincidência é que reside a unidade da classe dominante, a qual é, ao mesmo tempo, econômica e política; mas se manifesta o complexo problema da correlação de forças internas ao país em questão, da correlação de forças internacionais, da **posição geopolítica** do determinado país. (GRAMSCI, 1999, p. 427-428; grifo nosso).<sup>27</sup>

Gramsci também entenderá que para se compreender a formação dos Estados modernos (em especial o *Risorgimento* italiano), ao autor buscará a correlação entre forças nacionais e internacionais, sobretudo entre as classes dominantes (econômica e política). A noção espacial, conjugada à dimensão política, portanto, perpassa a ideia do tradicionalismo geopolítico introduzido na literatura germanófila, ao qual defendia o determinismo geográfico sobre os assuntos do Estado.

---

<sup>27</sup> O trecho tem a seguinte redação no original em italiano: “È vero che conquista del potere e affermazione di un nuovo mondo produttivo sono inscindibili, che la propaganda per l'una cosa è anche propaganda per l'altra e che in realtà solo in questa coincidenza risiede l'unità della classe dominante che è insieme economica e politica; ma si presenta il problema complesso dei rapporti delle forze interne del paese dato, del rapporto delle forze internazionali, della posizione geopolitica del paese dato.” (GRAMSCI, 1975, p. 1360, Q10, §61)

O autor sardo tecerá sua análise crítica sobre o *Risorgimento* em outros parágrafos, tal como mencionado no item anterior que compõe a menção sobre o termo “posição geográfica”. Nessa temática, as características políticas, sociais, econômicas e territoriais da Itália servem como seu “laboratório” para compreender o mundo. A Itália, portanto, seria uma microdimensão das forças sociais inseridas no mundo. Nesse sentido, a dimensão geopolítica italiana permite compreender a política internacional, ao qual o próprio autor afirma ser de grande importância para o processo de unificação italiana, uma vez que para se compreender as relações internas, devemos também mirar o desenvolvimento histórico das relações internacionais.

#### ***ARGOMENTI DI CULTURA. LE GRANDI POTENZE MONDIALI (Q14; §11)***

Nesta quarta menção do termo geopolítica, Antonio Gramsci exporá de modo mais explícito sua crítica à visão mecanicista e determinista. Ao analisar no Q14, §11 – seção dos cadernos miscelâneos – sobre “Temas de cultura. As grandes potências mundiais”, Gramsci tratará sobre a reconstrução histórico-crítica dos regimes políticos dos Estados, e terá como foco a Constituição escrita. Para tanto, Gramsci se valerá da seguinte perspectiva crítica:

Um estudo sério destes temas, feito com perspectiva histórica e com métodos críticos, pode ser um dos meios mais eficazes **para combater a abstração mecanicista e o fatalismo determinista**. Como bibliografia, pode-se mencionar, por uma parte, os **estudos de geopolítica**, para a descrição das forças econômico-sociais constitutivas e suas possibilidades de desenvolvimento, e, por outra, livros como o de Bryce sobre as democracias modernas. Mas para cada país é necessária uma bibliografia especializada sobre a história geral, sobre história constitucional, sobre a história dos partidos políticos, etc. (o Japão e os Estados Unidos me parecem os temas mais fecundos de educação e de ampliação dos horizontes culturais) A história dos partidos e das correntes políticas não pode ser separada da história dos grupos e das tendências religiosas (GRAMSCI, 2000, p. 300, grifo nosso).

Escrito por volta de julho de agosto de 1932 (FRANCIONI, 1984, p. 142-145) o autor sardo busca apresentar sua crítica no que

se refere à leitura que tem como método a “abstração mecanicista e o fatalismo determinista”. Para Gramsci a leitura determinista e mecanicista se contrasta radicalmente com seus ritmos do pensamento, ao qual eram considerados “orgânicos”. Giorgio Baratta afirma que Gramsci faz referência a organicidade como um “conjunto das questões que o interessam, ao mesmo tempo intimamente contraditório, ou seja, indicador e testemunha das condições reais”. (BARATTA, 2004, p. 47). Para o pensamento gramsciano, portanto, o tradicionalismo mecanicista e determinista é insuficiente para compreender as questões que se apresentam dos países. Em uma passagem dos Cadernos do Cárcere sobre o método, Gramsci afirmará que a pesquisa do *Leitmotiv*, isto é, do ritmo do pensamento no seu conjunto deve ser mais importante que o estudo particular e isolado (GRAMSCI, 1975 p. 419 Q4 §1). Tomando como base tal método, nesse parágrafo ao qual faz a quarta menção sobre a geopolítica, a leitura que se faz sobre um determinado país deve ser a partir de sua interação dos elementos que o compõe, como por exemplo, a história constitucional, dos partidos políticos, tendências religiosas, entre outros componentes que compreendem determinado país – Japão e Estados Unidos, de acordo com sua ênfase no trecho sublinhado.

Portanto, os estudos sobre geopolítica na visão determinista, tal como a do sueco Kjellen, assim como outras abordagens são combatidas pelo autor sardo. Para Gramsci, a geopolítica deveria se conectar à descrição das “forças econômico-sociais”, o que nessa perspectiva, trata-se de uma nova forma de pensar o espaço constituído organicamente ao qual Gramsci fortemente defendia. Assim, o pensador sardo ao conceber que os limites espaciais dependem das relações sociais que lá são construídas, portanto, refutará a ideia de que o espaço existe em si, de forma independente. (JESSOP, 2006, p. 30-31).

### **ARGOMENTI DI CULTURA. COME STUDIARE LA STORIA? (Q14, §63)**

Finalmente, Gramsci em sua penúltima menção<sup>28</sup> sobre geopolítica – escrita entre fevereiro e maio de 1933 (FRANCIONI, 1984, p. 142-145) – discute de forma mais geral o problema apresentado na

<sup>28</sup> Ressaltamos que a última menção do termo geopolítica foi discutida juntamente com a segunda menção, na seção 2.2 (*La posizione geopolitica dell'Italia. La possibilita dei blocchi*), pois se trata de duas versões de um mesmo texto – um, de primeira redação e outro redigido com modificações, o de segunda redação.

passagem anterior dos cadernos miscelâneos. No Q14, §63 – “*Temas de cultura. Como estudar a história?*” sua preocupação em compreender que estudar a história é, na verdade, um problema político. Gramsci assinala que a história “mundial”, isto é, a história europeia e seus apêndices é um modo de interpretar os nossos interesses, nosso olhar a partir de uma perspectiva não objetiva.

Na realidade, até agora nos interessou a história europeia, e chamamos de “mundial” a história europeia com seus apêndices não europeus. Porque a história nos interessa por razões ‘políticas’, não objetivas, ainda que no sentido de científicas. Hoje talvez estes interesses se tornem mais amplos com a filosofia da práxis, na medida em que nos convencemos de que só o conhecimento de todo um processo histórico pode dar conta do presente e dar uma certa verossimilhança de que nossas previsões políticas são concretas. Mas não se devem ter ilusões nem mesmo sobre este tema. Se na Rússia há muito interesse pelas questões orientais, este interesse nasce da **posição geopolítica** da Rússia e não de influências culturais mais universais e científicas. Devo dizer a verdade: tanta gente não conhece a história da Itália, mesmo na medida em que ela explica o presente, que me parece necessário torná-la conhecida antes de qualquer outra. Mas uma associação de política internacional que estudasse a fundo as questões até a Conchinchina e do Aname não me desagradaria intelectualmente: mas quantos teriam interesse nisto? (GRAMSCI, 2014, v.5, p. 127-128, grifo nosso).

Com a ênfase no estudo da história, Gramsci retomará o conceito de geopolítica a partir de um problema político – e, portanto a partir de uma perspectiva orgânica. Em outras palavras, a história de um determinado país deve ser concebida não somente pela dimensão geográfica/ espacial, mas juntamente com a dimensão política. E tal estudo deve ser analisado de tal forma não apenas para as grandes potências europeias, mas conhecer os interesses políticos dos demais países em geral para que possamos de fato compreender a história mundial em sua completude.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse texto buscamos mapear como Gramsci traça as diretrizes do seu pensamento, o *Leitmotiv*, para a questão geopolítica. Ao compreender como a dimensão espacial sobre os temas presentes nos

Cadernos do Cárcere incide sobre uma questão mais abrangente, isto é, um problema de ordem **política**, Gramsci nos dá pistas sobre como interpreta a sua nova proposição à ideia da geopolítica como “um manual para os homens de Estado”. Não se trata apenas de uma perspectiva espacial e geográfica ancorada nos limítrofes fronteiriços que determinam a estratégia dos países. Nem ao menos devemos, no campo intelectual, interpretar dessa maneira. Os “homens de Estado” devem retomar o método de estudos a partir de um novo olhar, tal como Gramsci indica em seus cadernos carcerários. Ao mesclar história nacional com internacional, o autor sardo nos indica um caminho para uma nova interpretação, não determinística e nem fatalista da história. Ao contrário, a perspectiva organicista deve orientar o nosso olhar e também para os mesmos “homens de Estado” que formulam políticas a partir de dimensões estanques e orgânica.

A hipótese levantada no início do texto – possibilidade de Gramsci ter traduzido criticamente a geopolítica no âmbito de embates pela hegemonia – se confirma, ainda de modo embrionário, por meio da ressignificação do conceito de geopolítica. Ainda que não fosse leitor enfático da literatura da geopolítica tradicional, Gramsci buscava compreender a política em seu significado mais amplo, estabelecida a partir das relações sociais. Em outras palavras, o fio condutor das relações sociais da análise gramsciana era a política. E é pela política que tais relações, inclusive entre Estados, se desenrolarão em um determinado espaço. Este espaço que será palco para essas relações sociais, por sua vez, não é fruto de uma posição geográfica determinada, mas é carregado de uma dimensão orgânica das relações sociais, o que refuta a característica determinista e mecanicista destas relações.

O espaço e a dimensão geográfica, portanto, assumem uma característica que irá além de suas determinações naturais *a priori*. Ele moldará, mas também será moldado por essas relações sociais, o que na perspectiva gramsciana, assumirá importância para os rumos estabelecidos pelos embates de força identificados nos processos de hegemonia. A luta pela hegemonia prescinde o viés dinâmico e somente esse novo conceito de geopolítica, tal como sua relação sinonímia com a geografia, pode garantir esse modo de compreender a realidade que se apresenta.

Neste texto, ainda que de modo ensaístico, podemos apontar que o laboratório gramsciano também compreende a dimensão espacial e, assim como a perspectiva territorial é importante para o desdobramento das relações sociais, tais relações serão fortemente influenciadas pela geopolítica. Em nossa análise, o nexos estabelecido entre espaço e relações de força para Gramsci é o que garantirá esse novo conceito de geopolítica/geografia. Gramsci, portanto, entenderá que a geopolítica é derivada das relações sociais, dinâmica e não determinística. E nas passagens sublinhadas nesse texto a partir de suas anotações carcerárias ao qual faz menção à dimensão geopolítica e posição geográfica como produto das relações sociais orgânicas, o autor sardo buscará traduzir criticamente esses conceitos, de modo a alinhar as particularidades nacionais e internacionais à sua concepção orgânica, dinâmica e crítica.

#### REFERÊNCIAS CONSULTADAS E CITADAS

ALMAGIÀ, Roberto. Gli Indirizzi Attuali della Geografia e Il decimo Congresso Geografico Nazionale. *Nuova Antologia*, VII. vol. 332, p. 246–254, 16 jul. 1927.

\_\_\_\_\_. KJELLEN, Johan Rudolf. **Enciclopédia Italiana Treccani**. Disponível em: <[http://www.treccani.it/enciclopedia/johan-rudolf-kjellen\\_\(Enciclopedia-Italiana\)/>](http://www.treccani.it/enciclopedia/johan-rudolf-kjellen_(Enciclopedia-Italiana)/>). Acesso em 25 de novembro de 2011.

BACKHEUSER, Everardo. *Problemas do Brasil: (estrutura geopolítica): o “espaço”*. Rio de Janeiro: Omnia, 1933.

BARATTA, Giorgio. *As rosas e os cadernos: o pensamento dialógico de Antonio Gramsci*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

BIANCHI, Alvaro. *O laboratório de Gramsci: filosofia, história e política*. São Paulo: Alameda, 2008.

COUTO E SILVA, Golbery. *Geopolítica do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

DIX, Arthur. *Politische geographie: weltpolitisches Handbuch*. Munique, Berlim: R. Oldenbourg, 1922.



- EKERS, Michael; LOFTUS, Alex. Gramsci: space, nature, politics. In: EKERS, Michael;
- KIPFER, Stefan; LOFTUS, Alex. *Gramsci: space, nature, politics*. Malden: John Wiley & Sons, 2013, p. 13-43.
- FEATHERSTONE, David. Gramsci in Action: space, politics, and the making of solidarities. In: EKERS, Michael; KIPFER, Stefan; LOFTUS, Alex. *Gramsci: space, nature, politics*. Malden: John Wiley & Sons, 2013, p. 65-82.
- FIORI, Giuseppe. *A vida de Antonio Gramsci*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FRANCIONI, Gianni. *L'Officina Gramsciana: ipotesi sulla struttura del "Quaderni del carcere"*. Nápoles: Bibliopolis, 1984.
- G.R.C. Review off Die Grossmächte vor und Nach dem Weltkriege de Rudolf Kjellén e K. Haushofer. *The Geographical Journal*, v. 75, n. 3, p.279-279, Mar. 1930.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. v.3.
- \_\_\_\_\_. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. v.5.
- \_\_\_\_\_. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. v.1.
- \_\_\_\_\_. *Lettere dal Carcere*, Torino: Einaudi, 1973.
- \_\_\_\_\_. *Quaderni del Carcere*, Torino: Einaudi, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Prison notebooks*. Versão de Joseph A. Buttigieg. New York: Columbia University Press, 2010. v.1.
- HAGAN, Charles B. Geopolitics. *The Journal of Politics*, v. 4, n. 4, p. 478-490, Nov. 1942.
- HOLDAR, Sven. Political geographers of the past IX: the ideal state and the power of geography. The life-work of Rudolf Kjellen. *Political Geography*, v. 11, n. 3, p.307-323, May 1992.
- HOUSE, Floyd N. Resenha de Der Staat als Lebensform, de Rudolf Kjellen; Bausteine zur Geopolitik. de Karl Haushofer, Erich Obst, Hermann Lautensach e Otto Maull. *American Journal of Sociology*, v. 35, n. 4, p. 660-662, Jan. 1930.
- JESSOP, Bob. Gramsci as a Spatial Theorist. In: BIELER, Andreas; MORTON, Adam David. *Images of Gramsci: connections and contentions in political theory and International Relations*. New York: Routledge, 2006. p. 27-44.
- JONAS, Michael. Activism, diplomacy and swedish-german relations during the First World War. *New Global Studies*, v. 8, n.1, p. 31-47, Apr. 2014.

LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale. *Dizionario gramsciano 1926-1937*. Roma: Carocci, 2009.

KARAKASIS, Vasileios P. Geography matters. *Bridging Europe: The Cyprus Issue Project*, Report n. 3, Feb. 11, 2014.

KIPFER, Stefan. City, Country, Hegemony: Antonio Gramsci's Spatial Historicism, In:

EKERS, Michael; KIPFER, Stefan; LOFTUS, Alex. *Gramsci: space, nature, politics*. Malden: John Wiley & Sons, 2013, p. 83-103.

KISS, George. Political geography into geopolitics: recent trends in Germany. *Geographical Review*, v. 32, n. 4, p. 632-645, Oct. 1942.

KJELLEN, Rudolf. Autarquia. In: RATTENBACH, Augusto B. (org.). *Antologia Geopolítica*. Buenos Aires: Pleamar, 1985, p. 55-62.

\_\_\_\_\_. *Der Staat als Lebensform*. Leipzig: S. Hirzel, 1917.

\_\_\_\_\_. *Die Großmächte und die Weltkrise*. Leipzig, Berlin: Leubner, 1921.

\_\_\_\_\_. Geopolitische Betrachtungen über Skandinavien. *Zeitschrift für Geopolitik*, p. 657-671, 1905.

\_\_\_\_\_. Studier öfver Sveriges politiska Gränser. *Ymer*, Stockholm, v.19, p. 283-332, 1899.

\_\_\_\_\_. *Världskrigets politiska problem*. Stockholm: Albert Bonniers Förlag, 1915.

KOST, Klaus. The conception of politics in political geography and geopolitics in Germany until 1945. *Political Geography Quarterly*, v. 8, n. 4, p. 369-385, October 1989.

LUNDÉN, Thomas. Swedish contributions to political geography. *Political Geography Quarterly*, v. 5, n. 2, p. 181-186, Apr. 1986.

MELLO, Leonel Itaussu Almeida. Friedrich Ratzel e a Geografia Política. In: \_\_\_\_\_. *A Geopolítica e a Bacia do Prata*. Manaus: Universidade do Amazonas, 1997a, p. 8-12.

\_\_\_\_\_. Karl Haushofer e o Bloco Eurasiático. In: \_\_\_\_\_. *A Geopolítica e a Bacia do Prata*. Manaus: Universidade do Amazonas, 1997b, p. 38-46.

\_\_\_\_\_. Rudolf Kjellen e a Geopolítica. In: \_\_\_\_\_. *A Geopolítica e a Bacia do Prata*. Manaus: Universidade do Amazonas, 1997c, p. 31-37.

MIYAMOTO, Shiguenoli. *Geopolítica e poder no Brasil*. Campinas: Papyrus, 1995.

MORTON, Adam David. A Geopolítica do Sistema de Estados e o Capitalismo Global em Questão. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, n. 29, p. 45-62, nov. 2007.

\_\_\_\_\_. *Unravelling Gramsci: hegemony and passive revolution in the global political economy*. London: Pluto Press, 2007.

\_\_\_\_\_. Travelling with Gramsci: the spatiality of passive revolution. In: EKERS, Michael; KIPFER, Stefan; LOFTUS, Alex. *Gramsci: space, nature, politics*. Malden: John Wiley & Sons, 2013, p. 47-64.

MURPHY, David Thomas. Hitler's geostrategist?: the myth of Karl Haushofer and the "Institut für Geopolitik". *The Historian*, v.76, n.1, p. 1-25, 2014.

RAPONE, Leonardo. *O jovem Gramsci: cinco anos que parecem séculos 1914-1919*. Rio de Janeiro: Contraponto; Brasília: Fundação Astrojildo Pereira, 2014.

TUNANDER, Ola. Geopolitics of north: geopolitik of the weak: a post-cold war return to Rudolf Kjellén. *Cooperation and Conflict*, v.43, n.2, p. 164-184, Jun. 2008.

\_\_\_\_\_. Swedish Geopolitics: from Rudolf Kjellén to a swedish "Dual State". *Geopolitics*, v.10, p. 546-566, 2005.

\_\_\_\_\_. Swedish-German geopolitics for a new century: Rudolf Kjellén's 'The State as a Living Organism'. *Review of International Studies*, v.27, p. 451-463, 2001.

WHITTLESEY, Derwent. Haushofer: los geopolíticos. In: EARLE, Edward Mead. *Creadores de la estrategia moderna: el pensamiento militar desde Maquiavelo a Hitler*. Montevideo: Centro Militar, 1952, p. 167-203.